

15/6/936

# CINE-JORNAL

ANO I - N.º 35 — 15 DE JUNHO DE 1936

DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



Katharine Hepburn

Neste número: Um artigo de Silvia Sidney



Laurel & Hardy e o estado maior do seu novo filme: «Our Relations»

## ROBERT TAYLOR, O CIRURGIÃO DA TELA

Quando Robert Taylor abandonou os livros, para se tornar num actor da tela, pensou que os seus estudos de medicina e cirurgia estavam terminados para sempre.

Mas, para cúmulo de sua admiração, em breve se encontrou a exercer clínica, e isto sem prejuízo dos filmes que interpretava.

Quando Taylor maneja o bisturi em *Small Town Girl*, onde aparece ao lado da encantadora Janet Gaynor, que é a protagonista, encarna, na tela, pela terceira vez, em dezóito meses, o papel dum médico.

É sabido que os grandes estúdios costumam contratar médicos e cirurgiões como conselheiros técnicos, para todos os filmes da especialidade, não será exagerado supor que Taylor, na verdade, tenha praticado mais do que se tivesse continuado a estudar na Universidade.

*Society Doctor* foi o primeiro filme onde Taylor apareceu, como cirurgião. O seu trabalho, como médico foi convincente, e por isso, interpretou, depois, outro papel semelhante, em *Magnificent Obsession*.

## O novo filme de Lilian Harvey

Nos estúdios da Ufa, em Neubabelsberg principiaram há dias as filmagens para a nova produção *Gluckskinder*. Os primeiros cenários representam a sala de redacção de um jornal americano. O elenco deste filme, realizado por Paul Martins, é o seguinte: Lilian Harvey, Willy Fritsch, Paul Kemp, Oscar Sinaa Paul Bildt (versão alemã) e Lilian Harvey, Henry Garat, Alfred Pizella, Guisoli, Magnier, Olivier, Toulot, Wanner Simon, Labry, Guipol (versão francesa). Argumento de Paul Martin, R. Stemmler e Carl Goetz. Operador: Konstantin Irmen-Tschet. Música de Peter Kreuder.

## OS HOMENS DE HOLLYWOOD, JULGADOS POR MERLE OBERON

Merle Oberon é, como sabem, não só uma artista deliciosa, como uma mulher conhecedora e apreciadora da beleza e das qualidades que distinguem os homens.

Eis como classificou os homens mais em evidência em Hollywood:

1—*Iruing Thalberg*—O mais interessante de todos eles, e um dos mais simpáticos que tem conhecido.

2—*Ronald Colman*—O mais agradável dos companheiros.

3—*Clark Gable*—O que mais se assemelha aos heróis novelescos com que sonham as raparigas—simpático, atrevido, despreocupado.

4—*Samuel Goldwyn*—O homem mais elegante de Hollywood.

5—*Fred Astaire*—O mais cosmopolita.

6—*David Niven*—O mais divertido.

7—*Joel Mac Crear*—O tipo ideal do norte-americano, no conceito duma rapariga inglesa.

8—*Herbert Marshall*—O mais agradável de todos.

9—*Gregg Tolland*—Um dos mais brilhantes fotógrafos americanos.

10—*Francis X. Shields* (jogador de tennis e actor)—O homem mais parecido com Wallace Reid.

## «CRUZES DE MADEIRA»

*Cruzes de Madeira*, que Pierre Blanchard interpretou, sob a direcção de Raymond Bernard, baseado no romance de Roland Dorgelés, vai ser reeditado em Hollywood, com Frederic March, para a 20 Century-Fox. Esta história já esteve para ser filmada pela Fox.



Steffi Dunna, a intérprete da «Cucaracha», o caminho dos estúdios

# A WESTERN COSTUME COMPANY, guarda-roupa monstro de Hollywood

A pesar de cinéfilo não detesto o teatro. Antes pelo contrário. O teatro despertou-me emoções diferentes das provocadas pelo cinema, arranca-me para uma vida ainda mais real, se possível, do que a da tela. É que no cinema esbarro com imagens e no teatro encontro artistas que estão ali, perto de mim, em toda a sua palpável corporalidade.

Porém, o fim deste artigo não é nem reforçar a lésse de Marcel Pagnol (o do teatro filmado...) nem tão pouco amesquinhar uma arte cuja progressiva irracionalidade, embora muito pese aos teatrómanos, está já tragada por mão de mestres como René Clair, Pudovkin, Eisenstein e Mamontov.

Não, o fim deste artigo é outro. Restime-se nisto: há tempo fui ao Apolo. Até aqui nada de especial. Porém, a dada altura surgiu Beatriz Costa numa cena em que a precediam várias outras «a fugir» com os seus vestidos, chapéus e sapatos.

Ora essa parada do suposto guarda-roupa da protagonista do «Trevo de Quatro Folhas» trouxe-me a ideia que, em Hollywood, existe um guarda-roupa monstro que encerra milhares de uniformes, casacas, sobrecasacas, fatos de passeio, de sport, farpelas andrajadas, sobretudoos, sapatos, bolas de millitar e de civil, chapéus, kékis, boinas, eu sei lá!

Lembrei-me de que a Western Costume Company arquiva tudo o que a indumentária de um filme require, embora decorra antes ou depois de Cristo. Fundou-a L. L. Barns, um americano que em 1905 exhibiu, na exposição de S. Luiz, uma tropa de dez Peles Vermelhas.

Começou modestamente por alugar trapos usados pelos índios, que serviam aos folgedos dos habitantes da primitiva Hollywood. Depois, foi desenvolvendo o seu negócio, já então ao serviço das companhias cinematográficas e, hoje, o capital da Costume Company eleva-se a 3.200.000 dólares, em acções absolutamente garantidas.

Quem percorrer o sêde desta central da indumentária hollywoodense deparará coleções completas de uniformes capazes de vestir os figurantes de todo e qualquer filme de guerra, palaciano, religioso ou de simples entretenimento, quer a acção decorra na Itália, Suetia, América do Sul ou no reino do Sião.

Tanto se vê ali roupa para vestir um batalhão inteiro de «carabineiros», guardas civis espanhóis, ou «Life Guards» ingleses, como os trajes regionais dos pacíficos tirolezes, bávaros ou montenegrinos.

Todo o material guerreiro antigo e moderno tem ali exemplares: lanças, arcos e respectivas flechas, arcabuzes, máscaras de gases asfixiantes, granadas de mão, sabres, espingardas de tiro rápido, metralhadoras e até morteiros de trincheira.

A Costume Company arquiva coleções completas de uniformes e dos mais variados trajes que pertenceram a aristocratas, embaixadores ou oficiais superiores que, arruinados pela guerra, dêles se desfizeram.

Agentes especiais percorrem a velha Europa, sobretudo a zona do antigo império austro-húngaro e os Balkans, comprando tudo o que aparece suscep-

tível de servir às realizações dos produtores cinematográficos americanos.

Condecorações, essas, não faltam. Há-as de todos os reinos e repúblicas, desde o Tosão de Ouro à Ordem da Jarreteira, passando pela Águia Vermelha alemã e pela do Cruzeiro do Sul.

Os fatos executados por medida e destinados aos principais intérpretes dos filmes, voltam, terminados estes, à posse da Costume Company. Assim, os seus cofres guardam como preciosas relíquias os bonés de Jackie Coogan, as jóias de Norma Talmadge, o uniforme de estudante alemão usado por Ramon Novarro no «Príncipe Estudantes», as calças de rapaz de Mary Pickford, o vestido império de Corina Griffith quando interpretou Lady Hamilton, o gabão de peles do czar Paulo, isto é Emil Jennings, e o colete de d'Artagnan ou Douglas Fairbanks.

Não figura ali, porém, o turbante e o albornoz que Rudolfo Valentino vestia no «Filho do Cheick». Uma admiradora adquiriu-o por cinco mil dólares.

Apenas um truque: como a câmara não diferencia cores, os tecidos verde-claros e castanho-claro são reproduzidos em branco, e os vermelhos e verde-escuro em negro. Os bolões de mel, a aba dos bonés e as bolas de polimento são esfregadas com sabão e cera, para evitar o reflexo.

A erminar, resta-me dizer que Portugal também tem os seus guarda-roupas, embora modestos, e sem o «colossal» da Costume Company. E posso também afirmar que para muito têm servido nos poucos filmes realizados entre nós...

OPERADOR N.º 13



A. A. Trimble, um verdadeiro «sósia» do malogrado Will Rogers

### O electrotaquíscópio de Anschütz, na exposição da Ufa

O ministério dos correios do Reich pôs à disposição da Ufa, para a sua exposição de Neubabelsberg, um exemplar do electrotaquíscópio, inventado por Anschütz.

Este aparelho é uma câmara óptica, que mostra imagens animadas e que apareceu, pela primeira vez, na exposição de electricidade de 1891 em Paris, e na exposição internacional de Chicago em 1893, tendo sido muito admirado. O aparelho foi construído pela casa Siemens. Expondo-o no seu instructivo certame, a Ufa honra o inventor alemão, que reconheceu o valor que as imagens fotográficas animadas representariam no futuro.

### OUTRA VEZ, A CARMEN

A Paramount vai realizar *Carmen*, com Gladys Swarthout, na protagonista. O célebre maestro Leopold Stokowski dirigirá a grande orquestra sinfónica, que executará os trechos da famosa opera.

### Fernand Gravey, vai para a América

Mais um! Depois de tantos outros que lhe precederam as passadas, Fernand Gravey, o popularíssimo «descearadão», vai para a América, contratado por Harry Warner, da Warner Bros, para uma série de cinco filmes.

Fernand Gravey, segundo uma cláusula do contrato, tem direito a, todos os anos, interpretar dois filmes em França.

Esperamos que, nesta sua primeira experiência americana, tenha mais sorte do que Henri Garat, Simone Simon, Lillian Harvey, etc. — que abandonaram a Europa pela América e logo se arrependeram amargamente.

### O desenvolvimento do cinema a cores

Numa Natalia Kalmus, directora artística da Technicolor, mulher do Dr. Kalmus, inventor daquele processo, chegou a Londres, vinda de Hollywood, acompanhada dum *equipe* de técnicos pertencente aos estúdios Technicolor de Hollywood. Esta *equipe*, sob a direcção de Numa Kalmus, iniciará, brevemente, o primeiro filme, em technicolor, realizado em Inglaterra: *Wings of the Morning* (As Asas da Manhã).

Annabella será a vedeta desta produção, que a 20th Century-Fox distribuirá.



Rito Cansino, uma beleza tipo Mlle West-1936, que está revolucionando Hollywood

## Ginger Rogers é a favorita dos chineses

O importante jornal de Hong-Kong «South China Morning Post», que todos os anos organiza um inquérito para saber quais os 10 artistas de cinema preferidos pelos seus leitores, apresentou recentemente o resultado do inquérito de 1936, que foi o seguinte:

- 1.º — *Ginger Rogers*, (2. 606 votos).
- 2.º — *Claudette Colbert*, (1.830 votos).
- 3.º — *Shirley Temple*, (1.585 votos).
- 4.º — *Greta Garbo*, (1.511 votos).
- 5.º — *Eleanor Powell*, (1.241 votos).
- 6.º — *Frederic March*, (1.036 votos).
- 7.º — *George Artiss*, (944 votos).
- 8.º — *Gary Cooper*, (805 votos).
- 9.º — *Charles Laughton*, (767 votos).
- 10.º — *Norma Shearer*, (674 votos).

É curioso notar, que no inquérito de 1935, obteve o primeiro lugar. Os resultados de 1935 foram os seguintes:

- 1.º — *Ginger Rogers*.
- 2.º — *Norma Shearer*.
- 3.º — *George Artiss*.
- 4.º — *Charles Laughton*.
- 5.º — *Shirley Temple*.
- 6.º — *Ruby Keeler*.
- 7.º — *Wheeler e Woolsey*.
- 8.º — *Myrna Loy*.
- 9.º — *Katharine Hepburn*.
- 10.º — *Mae West*.

Por outro lado, afirma-se que Alexandre Korda teria intenção de realizar doze filmes, dos quais o primeiro, *Lawrence d'Arabe*, seriam todos em technicolor.

Nos Estados Unidos, anuncia-se também a produção de vários filmes a cores. Depois de *Becky Sharp*, de *The Trail of the Lovesom Pine* e de *Dancing Pirates*, veremos, a cores, *O jardim de Allah e Hurricane*.

### Um grande inquérito de Cine-Jornal

## Os artistas teatrais vão designar quais os três filmes, da presente temporada, de que mais gostaram

«Cine-Jornal» inicia, no próximo número, um sensacional inquérito: os artistas teatrais (pessoas insuspeitas, e autorizadas, pela sua própria condição de artistas) vão designar quais os três filmes de que mais gostaram. Não explicarão porque. Dirão apenas quais os três filmes que mais os impressionaram, quais os que ficaram gravados na sua memória.

Este inquérito, de inegável interesse, permitir-nos-ó chegar a conclusões por certo curiosas e tem o atractivo peculiar de conhecermos as opiniões e os depoimentos de vedetas que, pela sua posição dentro do Teatro Português, nos merecem a maior simpatia e consideração.

No próximo número: os primeiros resultados do inquérito.



Ramon Navarro e os seus companheiros no última filme de este artista interpretou no México, e intitulado «Contra o Corrente». Dir-se-ia um símbolo, este título...

### CHARLOT E A TELEVISÃO

Interrogado acerca dos prejuízos que a televisão poderá acarretar aos produtores cinematográficos e às casas de espectáculos, Charlot declara: «O homem nasceu para viver em rebanho, razão porque querera sempre saborear os seus prazeres na companhia dos outros homens».



# Como se realizou «REVOLTA A BORDO»

A revolta do «Bounty», é rigorosamente histórico. Passou-se no ano de 1787, nos Mores do Sul, quando o barco de Sua Majestade britânica demandava aqueles paragens, no desempenho de uma missão científica.

Descoberto, por acaso, em Inglaterra, um exemplar da primeira edição de «A narrativa of the mutiny on H. M. S. Bounty», escrito, em 1790, pelo próprio capitão Guilherme Bligh, cujo crueldade e cupidiz tinham dado origem a uma das mais dramáticas aventuras marítimas, foi o raro volume levado para a América do Norte.

Ai obteve uma enorme voga na transposição para o novelo, de autoria de dois norte-

## 1.º Prémio da Academia de Hollywood

-americanos, e por altura da 12.ª edição, calculou-se em três milhões o número de seus leitores.

Dado o popularidade atingido pelo histórico e o carácter essencialmente cinematográfico do aventura, o Metro resolveu-se o levá-lo para o telão. Não faltou emoção ao assunto, nem pitoresco às paragens das mores tropicais onde, há cerca de 150 anos, a acção se desenrolou.

\*

As dificuldades o vencer eram, porém,

enormes. Padiam, é certo, ser lodados, fazendo-se apenas «mais um filme», por o que bostorio utilizar os largos recursos dos estúdios de Hollywood.

Mos tomou-se deliberadamente pelo caminho das produções de excepcional envergadura — e lançou-se no reconstituição exacto do revolta.

O filme leve dois anos em preparação e um ano inteiro a filmar.

Constrói-se um novo «Bounty» e um outro barco «Pandora», segundo os planos cedidos pelo Almirantado britânico. Século e meio depois do histórico revolta, o «Bounty» sulco outro vez os águas do Pacífico, em demanda dos ilhos do Polynésio. A grande caravana fixo-se no Tahiti.

É uma verdadeira expedição que leva todo o material necessário a um prolongado estadia. Um sem número de objectos extravagantes servirá para manter, com os indígenas, relações amistosas; há de tudo: desde o banco de celuloide, ao espelho de olgibeiro, tecidos de cores variogados, grafonolas, cores de pedras falsas.

Rompem-se estrodos, reconstituem-se vilas indígenas, montam-se duas estações de rádio emissoras. E, ao todo, percorrem-se 14.000 milhas nos mores dos trópicos.

Assim, é fácil de acreditar que realmente se hojo gasto no emprêso o banito somo de 40 mil contos.

\*

A dureza do vido o bordo dos barcos à vela, e crueldade e venalidade do capitão, o disciplina que se vai quebrando até dar o revolta, o ogosolho que os omatinados en-

contram nos ilhos paradisioscos das mores do sul e, por fim, a perseguição à tripulação revoltado, o conselho de guerra em Londres, a justiça do Rei — tudo isto constituiu um mare-mogum de sentimentos e paixões, de exactismo; amar e ódio, lealdade e defeccão, tiranio e comorogado.

As primeiros figuras que desempenham um drama desta magnitude tinham de sob-sobor — e com elas o obro todo — ou haviom de morcor, de uma vez poro sempre, uma posição de primeiro plano. A bem dizer, os nomes escolhidos já tinham de há muito conquistado esse lugar.

Charles Langhton é considerado hoje um dos melhores actores ingleses. A sua interpretação de Henrique VIII tornou-o mundialmente conhecido.

Clark Gable criou um novo tipo de galá. Bate aos pontos os linfáticos Romans No-

vorros o Jacques Cotelains. Não precisa de estudar, bosto que seja natural: todo o suo vido é uma luta máscula contra os adversidades do sorte; trabalho em todos os misteres. Deve ser muito querido no América, porque éle é bem o espelho duma roço que ergue cidades gigantescas no espoço de cem anos.

Há ainda Franchot Tone, que ainda recentemente vimos no «Tantação laira» ao lado de William Powell e Jean Harlow e que se soiu muito bem do papel difícil que lhe derom nos «Lanceiros do Índio».

As duas principais figuras femininas são, desempenhados por raporigos nativos do Tahiti, 2.500 indígenas do Polinésio também «representam».

Deve ser muito curioso esto improvisação. Para nós, temos como certo que o naturalidade dos gestos dos mais intérpretes e o espontaneidade dos movimentos das mooss dos nativos, só podem concorrer para volozizar o filme.

Impregnados do cor local, os possessgens que decorrem nos ilhos das mores do Sul serão porventura dos mais interessantes, o ovolar pelo encantamento em que nos deixou esse primeiro ensaio do sonoro, «Sombros brancos», de impercível memória.

\*

Com estes trunfos no mão, o Metro lançou-se numo formidável camponho de publicidade.

44 revistas, com uma circulação total de 37.765.092 exemplares, puseram os leitores ao corrente dos mais pequenos parmenares: que o fardamento do capitão tinha sido feito no mesmo olfoite que, em 1787, cortara igual indumentário para o autêntico capitão Bligh, e que se fizera mais 3.000 fotos e 600 uniformes, rigorosamente históricos. Que a tripulação do «Bounty» tinha sido seleccionado entre trezantas atletas, e um sem número de outros indicações.

A rádio propagou aos quatro ventos o excelência do filme, o valor dos intérpretes, o beleza dos poisogens, o grandeza dos tempestades.

O filme acobo de ser apresentado no América. No próximo época cá o teremos, dado o pequeno intervalo entre os estreos das produções ometiconas e o suo apresentação entre nós.

E faremos então um juizo perfeito. Mos tudo nos leva o crer que o «Revolta o bordo» («Mutiny on the Bounty») será uma dos mais grandiosos produções do cinema americano.

ANTÓNIO DE CARVALHO NUNES



# J o a n

é a mais encantadora das mulheres

declara

## Franchot Tone

O casamento sempre me preocupou! Desde miúdo, tive a mania de levar a vida a sério. E se é verdade que me conheci sempre com costela de D. Juan, não é menos verdade também que quando as minhas conquistas começavam a tomar um rumo demasiado sentimental, fugia sempre, pois não queria de modo algum entrar na gaiola dourada do casamento, muito embora me seduzisse por vezes esse abrigo tranqüilo, cansado como estava de ser um nómada sentimental...

Desde pequeno, conheci Joan Crawford. Gostei sempre dela. Segui a trajectória da sua carreira, mantendo apenas os melhores sentimentos de camaradagem. Amava-a demais, para lhe fazer uma declaração em forma. Era um amor-devoção, feito de recolhimento, sem frases lico-doces. Era um amor-sereno, com todas as características de fatalismo, daqueles amores, que tornam os fracos em heróis, em gigantes os pigmeus...

Fui sempre acanhado. A sinceridade do meu amor — tirou-me aquela audácia, que remove mundos. E um belo dia Joan casou com Douglas Ior. Não lhe fiquei querendo mal, por isso. Via-a feliz — era quanto me bastava.

Os acontecimentos precipitaram-se. Joan, volvidos anos, encontrou-se novamente só, no mundo. Senti que a minha presença lhe era útil. Fomos novamente bons camaradas. Continuávamo-nos a entender às mil maravilhas. E hoje, sendo marido e mulher, continuamos a ser os bons amigos de ontem — a conhecer e a perdoar mutuamente os nossos defeitos.

Joan é a mais encantadora das mulheres. Inteligente, fina e sensível. Precisa apenas que a compreendam. Conheço-a, como disse, há longos anos: É esse o segredo da nossa felicidade.

FRANCHOT TONE



**F**RANCHOT Tone e Joan Crawford casaram há pouco tempo, como sabem. Depois do seu divórcio de Doug Ior., Joan Crawford entendeu que dentada de cão se curava com pelo doutro cão — em sentido figurado, já se vê... — e passou a viver, à face da lei, de casa e puearinho com Franchot, seu admirador assíduo e infatigável. Não-se como Deus com os anjos. Franchot aprendeu a viver com a impulsiva Joan, que, a ujuizar pelo

que a tela nos revela, parece que só poderia ser domada por um marido violento, no estilo de Clark Gable. Joan, por seu turno, encontrou em Franchot um companheiro encantador, cem por cento transigente, e habituado a conhecer os caprichos do eterno feminino.

Joan e Franchot disseram, de sua justiça, isto é: o que pensavam um do outro. E são esses depoimentos que vamos transcrever, para os nossos leitores.

# Franchot

é o marido ideal

afirma

## Joan Crawford

Conheço, finalmente, a felicidade! Franchot pode gabar-se de me ter feito renascer o amor à vida, o amor ao próprio amor.

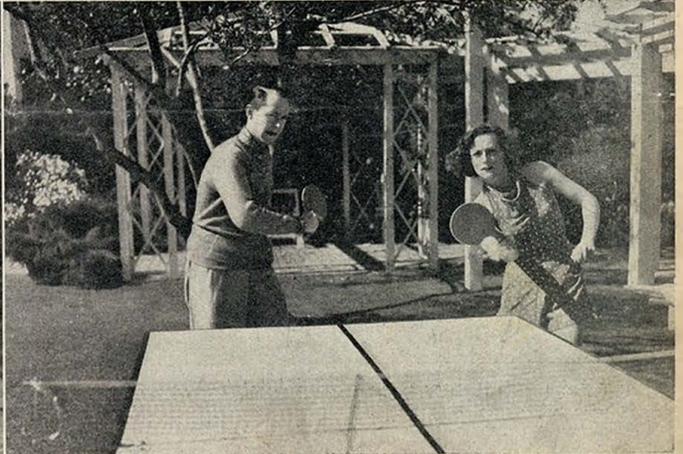
Desde muito novos, estávamos talhados um para o outro. Muito criança ainda, não soube avaliar, como devia, quanla dedicação se continha no coração de Franchot. Virei as costas, então, à própria felicidade — que só ele me podia dar. Tardé, muito tarde, verifiquei que me não devia fiar apenas nas aparências. O amor é alguma coisa mais do que um entusiasmo, do que uma atração física, digamos assim. Mas quando temos desasseis ou dezoito anos não vemos as coisas por esse prisma...

Franchot é o marido ideal. Digo-o e repito-o. Dentro e fora do lar, sabe ser autoritário e dominador, sem ser anti-pático e impertinente. Tem confiança em mim — e dá-me liberdade. É um conselheiro atilado e utilíssimo. Vê as coisas com uma lucidez invulgar. E se o café vem frio para a mesa, ou a camisa não tem um botão pregado — é incapaz de fazer uma cena...

Sei que me censuram, por vezes, o meu génio. Bom ou mau — é assim mesmo. Incapaz de dissimular, exteriorizo a minha alegria, os meus pesares, a minha satisfação e o meu desgosto. Franchot até nisso é admirável. Sabe vencer-me sempre, deixando medear entre os meus impulsos e os seus conselhos aquele espaço de tempo propício à reflexão. E deixem-me dizer-lhes: não temam o casamento, mesmo quando nas vossas casas sejam animadas e habituadas a realizar todos os caprichos. Não temam — desde que encontrem um marido como Franchot, um marido como o meu!

JOAN CRAWFORD

(Todos os direitos reservados.  
Exclusivo para o Cine-Jornal)



# O MEU AMIGO CINICO E O CINEMA

**T**IVE, até há poucos dias, um amigo cinico que, ainda por cima, não era cinéfilo. Só conhecia o cinema por truíção.

Tinha, porém, uma qualidade que altamente o dignificava: nunca podia ouvir falar os tais «entendidos» que constantemente discutem o poder «cine-pearipatético» da voz da Greta Garbo ou o valor «fono-clorogénico» dos desenhos animados.

Mas isto acontece a muitas pessoas que nunca foram cinicas.

\* \* \*

Era tão cinico, tão cinico, que, tratando-se de amor, onde um qualquer diria «meu coração palpita por si», ele afirmava — «o meu cérebro gosta de você».

E quando, nos domínios da literatura, lhe citavamos um poeta que não gostava da Primavera, dizia imediatamente:

— Pudera... Não gosta do Outono pela mesma razão...

\* \* \*

As vezes, caso raro, o meu amigo cinico ia ao cinema. Isto não admira porque todas as pessoas cinicas vão, muito raramente, ao cinema.

Mas o que nem todas têm é ideias cinematográficas como o meu amigo. E se não exemplifiquemos:

\* \* \*

Dizia ele, há dias, ao acabar de ver «Audioscópios»:

— Afinal, o espectador de cinema passa a ser como o burro do provérbio — salvo seja. Enquanto o asno come palha, o cinéfilo «come» relêvo, a questão é saberem-lho dar.

«Mas o burro precisava só duns óculos verdes e os nossos têm de ser verdes e encarnados o que prova como somos superiores.

\* \* \*

Na mansarda onde vivia, quando batiam à porta, cantavo invariavelmente:

Batem leve, levemente  
Como quem chama por mim.  
«Será cinéfilo? Será gente?  
Crêdor não é certamente,  
Cinéfilo não bate assim...

...mele logo a porta dentro para imitar o Wallace Berry».

E dizia a toda a gente que os versos eram dele, que tinha «geitole» para a poesia.

Tanto geito como certo músico que se «inspirou» cinicamente numa canção Mexicana e se, convenceu de que tinha compósito... um samba.

\* \* \*

Quando nos encontrávamos no café, tínhamos demoradas discussões, eu e o meu amigo. Invariavelmente, chegava aos apuros de lhe dizer:

— O mais difícil que conheço é encontrar um cinico como tu.

E ele respondia-me um dia.

— Pois há muito mais difícil.

— O que é?

— Encontrar o cinema nacional.

Naqueles muitos dias em que andava mal disposto, o meu amigo não fazia outra coisa senão largar «babozeiras».

— Isto de cinema é uma lotaria. Joga-se, especialmente quando são os outros que pagam. Faz-se um filme: ou sai bom ou mau. Se sai bom, o realizador triunfa; se sai mau...

— O realizador desiste, disse eu.  
— Não senhor. Continua... tranqüilamente, porque tudo isto é nosso.

\* \* \*

Se o porteiro dum cinema lhe oferecia o programa, o meu amigo cumprimentava-o com uma chapelada, guardava o programa e o dinheiro.

Há anos, pelo Natal, um arrumador entregou-lhe o clássico cartão e deu-lhe as boas festas, já se sabe para quê.

Delicadamente, o meu amigo apertou-lhe a mão, retribuiu o bilhete de visita e disse cheio de pausa:

— Iguamente para V. Ex.<sup>a</sup> e toda a sua família.

\* \* \*

Quando um neto matulão explicava cinicamente em voz alta, à sua avózinha, o que se passava na tela, o meu amigo, vagaroso, pausado, voltava-se e dizia:

— Isto já é sonóro!

Pois, há dias, mudou o estribilho e, nos mesmos apuros, vagaroso e pausado, exclamou:

— Deixe ouvir o sonóro, porque é a única coisa que se aproveita.

\* \* \*

Na semana passada, chegou o meu amigo ao pé de mim e desapareceu-me, à queima-roupa:

— Não gostei do tal filme que me recomendaste!

— Ó menino, mas aquilo é um trabalho superior, bem realizado, nitido, claro, coruscante, único, insofismável, piramidal, um autêntico passo em frente, na...

— Pois sim! Mas ou o passo é de formiga ou, então, o terreno é de areia moída.

\* \* \*

Deve o leitor ficar sabendo, com alegria ou tristeza para si, que o meu pobre amigo, pobre e cinico, coitado, morreu...

Ao passar o funeral — sem dívida um grande enlérrro — até as pedrinhas da calçada choravam comovidas e diziam, com grandes trinados na garganta, que cortavam a arca do peito:

— Pobre rapazinho, tão novo...

E, como o meu amigo era de geração espontânea, acrescentava a carrêta:

— Morreu sem ter nascido. Pode ser que, depois desta morte, venha o nascimento.

Atrás, fazendo grande barulho (com as botas, já se vê) os gatos pingados davam vagarosos passos em frente...

\* \* \*

Ora a morte do meu amigo cinico foi qualquer coisa de patéticamente comovedor. O quarto, em vésperas de câmara

(Conclui na pag. 14)



Robert Taylor: a maior revelação do cinema americano, na categoria de galãs, depois da de Clark Gable. Interpretou «Small Town Girl», ao lado de Janet Gaynor. Foi interpretar o «Dama das Camélias», com Greta Garbo



sar numa escala de arte de representar. E aos onze anos, apareci pela primeira vez, em público, a recitar um soneto.

Pouco tempo depois — os meus sonhos de artista não haviam esquecido — era cantada para um teatro da vanguarda. Êxito nulo. Procurei entrar num teatro de Broadway: não tinha idade. Finalmente, consegui colocar-me num estúdio novo-yorkino, como figurante, e tancei parte num filme que tinha Lyo de Putti como vedeta. O meu primeiro ardenado pareceu-me assegurar um sucesso definitivo. Mas enganara-me mais uma vez.

\* \* \*

Tudo isto era impotente para me desencorajar. De resto, sabia que nem todo o talento deste mundo supre a experiência. A minha família resignara-se ante a minha obstinação. Fizera-me cursar a escola da Guild Theatre.

Um ano de estudos. Fim do esse tempo, a classe levava à cena uma peça que se intitulava «Prunella». Eramos 105 alunos. Quando me disseram que ia desempenhar o papel principal — desatei o chorar. Não de alegria, mas porque me convenci que estavam a traçar-me cruelmente.

Foi um êxito, abandonei a escola convencida de que Broadway me abriria as suas portas, de por em par. Navos decepções... E voltei a andar de porta em porta, de agência em agência de Teatro em Teatro.

\* \* \*

Paupa-vas a descrição de todas as passas do minho carreira. Mas, por este simples amastro, já viram que persistência, que força de vontade, que cega confiança é preciso ter — para vencer.

E o amar?!...

Acham que fica tempo a uma artista para dêle se ocupar?!

Como tôdas as mulheres, ambiciono ter um fim de vida tranqüilo, com a minha casa em ordem e dois filhos a animá-la. Tê-los agora, para os deixar todo o dia ao cuidado duma «nurse» — acho um crime! A mulher trai a sua próprio missão. Eis por que prefiro, mil vezes, só casar, quando puder abandonar a minha profissão, deixar de representar — para viver o meu papel de mãe alegre e feliz.

SYLVIA SIDNEY

# VIVER. AMAR E REPRESENTAR

**N**ÃO tenha ilusões sobre a minha profissão. Desde os onze anos, nunca pensei noutra coisa que não fosse na carreira teatral, mas desde logo me convenci do inutilidade de querer «representar».

Ninguém deve «representar». O actor que «representa» não passa dum cabatino. O segredo da naturalidade, no palco como na tela, reside em «viver» o papel. Devemos meter dentro do personagem que encarnamos, e reagir como se tôdas as peripécias do argumento nos surpreendessem, na realidade, na vida real.

É claro, há «truques» que é preciso saber. A chave da profissão está em saber empregar os «truques», sem ninguém dar por eles. Pessoas que saibam representar — há muitas. Pessoas que saibam viver os seus papéis — há poucas.

\* \* \*

Quanto a mim, nunca hesitei em alhear-me o preciso da minha próprio personalidade, para bem encarnar os meus papéis. Quando me pedem para viver a figura duma japonesa, duma pela vermelho, duma

«toxi-girl», duma bailarina de feira, duma anã ou duma velho de 70 anos — nunca recusei. Tudo isso leva à conta de experiência. Porque, desde pequena me habituei a considerar que, no Teatro e no Cinema, a experiência é muito. E se, aos 23 anos não me vêem em papéis de roporiguinho novo e simpático — é porque tenho outras ambições.

Um belo dia, com efeito, serai obrigado a voltar ao palco. Quero ser considerado artista, um artista a quem se pode entregar seja que papel fôr, sem ter que se preocupar com as dificuldades do mesmo nem com a física das personagens.

\* \* \*

Tenho uma vida inteiro à minha frente e um passado profissional de dez anos de «metier». No entanto, as minhas ambições têm sido e foram sempre as mesmas. Uma única razão de viver: ser artista e tornar-me numa verdadeiro artista.

Criança ainda, na solidão da minha cozinha, decorava poemas, e recitava-as ao espelho. Nasceram, assim, as minhas primeiras tentativas profissionais. Um dia, meus pais descobriram tudo. Foi um escândalo. Quiseram abafar em mim o vocação que eu sentia — tudo inútil, porém.

Enfim, aos dez anos, consegui ingres-



Stan  
**LAUREL**  
Oliver  
**HARDY**

# UM PAR de CIGANOS

O "FRA-DIAVOLO"  
DE 1937, SEGUNDO  
A OPERETA CELEBRE  
DO MAESTRO BALFE  
COM ANTONIO MORENO  
THELMA TODD - MAE BUSCH

UMA OPERETA FARÇA DO ANO MÁXIMO DA





Os figurantes, à saída dos seus camarins, dirigem-se para o «set»

## Alguns aspectos ignorados da vida nos estúdios

O ar ideal, nos laboratórios—Prevenções contra as impurezas da atmosfera—O serviço de incêndios—Chamadas de socorros—Peggy Coleman, a enfermeira—Cuidados com as vedetas—Como se evitam acidentes—Trânsito e velocidades—O hospital dos estúdios—O paraíso cinegráfico...

**N**A cêra do laboratório dos estúdios da Metro, um grupo de técnicos entrelinha-se, numa animada parlida de malha, aproveitando, dessa forma, os dez minutos do intervalo de trabalho, nas câmaras escuras do grande laboratório.

John Nicholas, chefe dos laboratórios, declarou, ao vê-los: É curioso! De vez em quando, veem cá para fora para tomar um pouco de ar fresco... E saem, afinal, dum ambiente, com o ar mais puro que se pode respirar, para virem para aqui, onde há poeira, humidade e temperatura inconstante...

E Nicholas explicou: «O ar dos laboratórios é filtrado, até ficar quimicamente puro! Não contém nenhuma partícula de pó. A temperatura é regulada com absoluta precisão, assim como a humidade. Não há outro ar no mundo tão precisamente condicionado».

Tal facto, evoca-nos outro, que os cinefilos em geral desconhecem: Os estúdios de Hollywood são os lugares mais seguros do mundo seja em que momento e em que parte for.

As precauções tomadas pelos estúdios, para salvaguardar o bem-estar das vedetas, técnicos e demais empregados que nêles trabalham, são mais eficazes do que as que toma qualquer cidade para proteger os seus habitantes.

Os estúdios mantêm um polícia, de 30 em 30 metros, dentro do recinto. Há mais bombeiros, em proporção ao número de seus edifícios, do que em qualquer cidade. Os estúdios da Metro, por exemplo, susntentam um corpo de bombeiros completo, para 125 edifícios, com caixas de alarme de incêndio, de vinte e quatro em vinte e quatro metros de distância. Há um circuito eléctrico, de alarme, especial que não se pode desarranjar de maneira alguma, visto que qualquer dano causado, em qualquer parte, seria compensado por outro circuito, e, além disso, em cada edifício e em cada «plateau», há um aparelho de irrigação, de funcionamento automático.

Um médico, um dentista e um hospital de urgência nos estúdios, constituem o departamento de sanidade dessa ci-

dade cinematográfica. Estrélas, actores, trabalhadores, todos ali são tratados, em caso de doença ou acidente. Em nenhum outro lugar a saúde é mais eficientemente cuidada. Se Clark Gable desloca um hraço, Jean Harlow tem dōres de cabeça, ou William Powell ápanha um resfriamento, Peggy Coleman, a enfermeira, vem imediatamente ao «plateau», com o remédio adequado... Se algum trabalhador, por acaso, espeta uma folha de madeira na mão, ou um electricista recebe uma quemadura, Miss Coleman está pronta para socorrê-los. Quando o caso é sério, o médico atende o doente, imediatamente.

Donald Loomis, director de cultura física, cuida das vedetas, para que mantenham o seu peso e se conservem em boas condições físicas. O salão de ginástica é no mesmo edificio dos camarins das estrélas, e Loomis, com seu método científico, conserva as figrnas das deslumbrantes estrélas em perfeito estado.

As barulhentas officinas dos estúdios são a última palavra em questão de segurança do pessoal. Não se permite que nenhuma máquina funcione sem aparelhos de protecção contra accidentes. Os trabalhadores frequentam semanalmente aulas contra accidentes e de técnica de segurança pessoal. Nenhum electricista pode trabalhar no «plateau» sem luvas especiais, sem ferramentas isoladoras, as quais são examinadas três vezes por semana, pelo chefe do departamento de electricidade. O material isolador dos cabos do departamento de acústica e electricidade é examinado diariamente.

Todos os «sets» são ventilados e têm ar refrigerado.

Nas ruas dos estúdios, o limite de velocidade para os veiculos é de 15 quilómetros por hora, e o trânsito é cuida-

dosamente regulado. Nas principais artérias, onde o tráfeço é mais concorrido, há um polcia de 65 em 65 metros, e nas menos frequentadas, um em cada 100 metros. Nas esquinas, foram colocados espelhos em ângulos rectos para que os automobilistas vejam se outro veiculo vem de outra esquina.

Qualquer estranho que deseje entrar nos estúdios por meio de subterfúgios, e sem permissão, não poderia passar além do primeiro destes guardas.

Todos os materiais, instrumentos e acessórios para applicação de «maquillage», são esterilizados, antes de serem usados. O departamento de «maquillage» assemelha-se á sala de operações dum hospital, devido ás suas condições higiênicas.

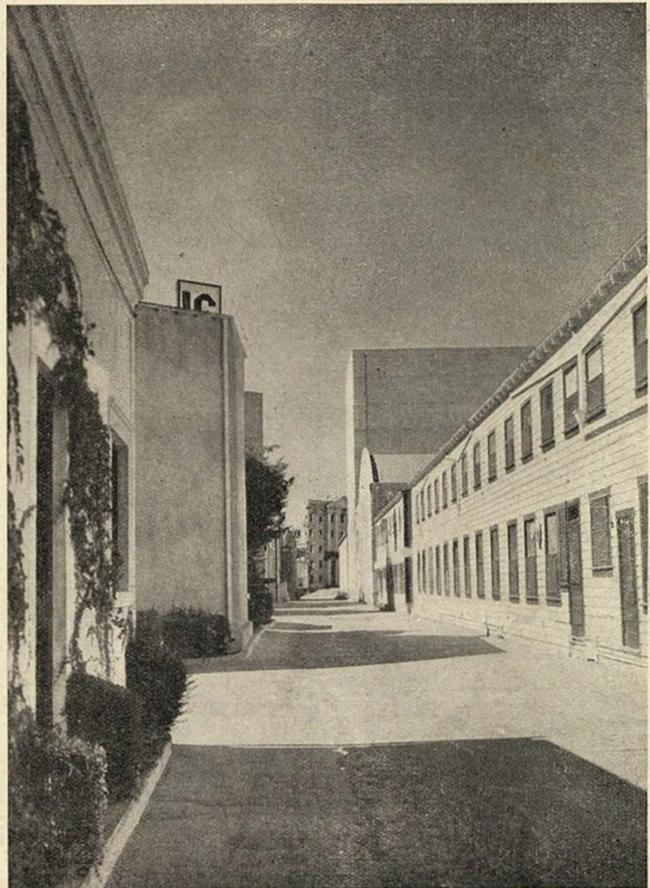
Em todos os departamentos e officinas há estojos de medicina, que um empregado revisa a miude, para estar certo de que contêm gaze, ligaduras, algodão, iodo, nitrato, sais e outros ingredientes usados nas respectivas emergências.

A Metro mantém, ainda, um consultório dentário, um hospital completo, com aparelhos de respiração artificial, e, prontos á primeira voz, assim como um instrutor de educação física e uma maçagista.

Como resultado das minuciosas precauções tomadas pelos estúdios, os accidentes estão praticamente reduzidos ao mínimo, excepto nas cenas de multidão, onde ocorrem accidentes sem importância. Segundo estatísticas das companhias de seguro, há muito menos accidentes nos estúdios de Hollywood do que em qualquer outra indústria.

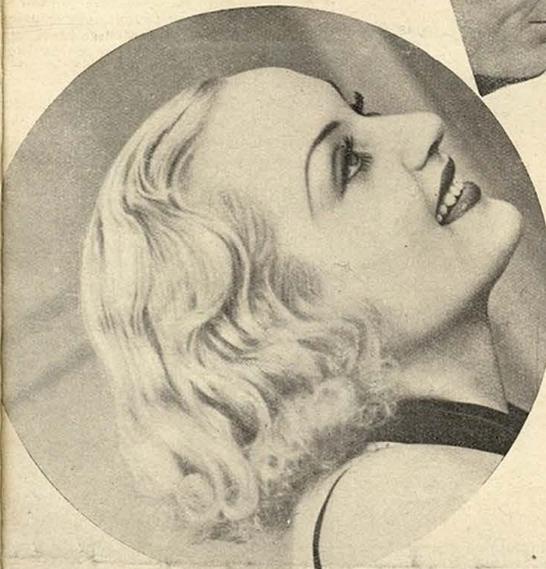
Hollywood, Junho de 1936.

R. L. SALKINSON



Construções amplas, higiênicas, os estúdios erguem-se ao longo de avenidas largas e limpas

# Carole Lombard



com a sua pontinha de perfídia e o comentário jocoso imprescindível; dum dia para o outro a notícia torna-se o grande assunto de Hollywood. Em contra-partida a Paramount aproveitava sempre esta publicidade inesperada que dava ensejo às novas vedetas de revelarem as suas faculdades. Eis a razão porque tôdas anuíam aos desejos de Powell.

Carole Lombard foi a única que não quis ceder a pesar de Powell mostrar por ela um interesse incomparavelmente superior do que por qualquer outra. Recusou-se terminante a casar com o seu «partenaire».

Achava-o orgulhoso, egoísta, autoritário e vaidoso. Durante quasi um ano, aquele fez-lhe uma corte insistente; renunciou a todos os hábitos e desportos mais queridos para poder acompanhar constantemente Carole. Não cessava de lhe oferecer prendas — um «Cadillac» no Natal, perfumes e flores todos os dias —, de telefonar e sempre que se

ausentava escrevia-lhe cartas enormes... e eloqüentes.

Por fim, numa tarde de Junho, depois dum longo passeio que fizeram juntos, Carole deu-lhe o braço e disse-lhe bruscamente: «Vamo-nos casar!».

Casaram-se em 28 de Junho de 1931. Consultara os números, escolheu com cuidado o dia e a hora da cerimónia. Todos os augúrios eram favoráveis e profetizavam-lhe longa felicidade.

Partiram, cheios de entusiasmo e de esperanças, em viagem de núpcias para Honolulu.

## Porque não devia casar com William Powell

Carole consultará números misteriosos. Esquecera-se de considerar dois, muito importantes: 22 e 38, a sua idade e a de William Powell.

(Conclui na pag. 14)

## A lei dos números

TÔDA a gente tem superstições. Sobre tudo os artistas. Carole Lombard não foge à regra. A sua superstição é a *numerologia*, ciência confusa, mas no entanto precisa, pois os iniciados asseguram que a combinação do ano do nascimento, com o valor do dólar e o número do assaporte, permite, após complicados cálculos, conhecer o futuro com exactidão.

Quem se crê nestas coisas não se crê. Carole Lombard acredita cegamente. Uma vez os números mentiram-lhe e as culpas foram imediatamente atribuídas a um erro na adição, ao fazer os cálculos. Este caso refere-se ao casamento de Carole com William Powell.

## Porque casou com William Powell

William Powell na altura em que reparou em Carole Lombard era, dentro dos estúdios da Paramount, um ditador. Criticava em todos os filmes os cenários, desdenhava do *mélleur-en-scène* e da *parlenaire* e até mesmo a atracente Fay Francis, a pesar de ter lido com ele um ligeiro «firt», foi vítima dos seus comentários e opiniões. Depois de conhecer intimamente e artisticamente todas as estreantes, depois de tôdas ter espresado, eis que lhes apresentaram, recém-chegada: Carole Lombard.

Na própria noite em que conheceu a nova vedeta e sua futura vítima, Powell convidou-a para jantar. A refeição durou sete horas!

Ao deixá-la, Powell — que um recente divórcio tinha libertado — dizia consigo: «É a mulher com que sempre sonhei. Vou casar».

Mas Carole Lombard receava. Quando Powell se interessava por qualquer nova vedeta o facto passava de boca em boca





Nas areias douradas pelo sol da Califórnia, Ruth Petterson e June Long divertem-se alegremente, esquecidas dos estúdios, do cinema e dos realizadores exigentes, que teimam em só lhes dar papéis secundários...

# AS GREVES em Paris e a defesa dos estúdios para evitar a paralização do trabalho

(Do nosso correspondente)

PARIS. Junho de 1936. — As greves que, de há dias para cá, se encadeiam perpetuamente, ameaçam paralisar Paris. Acabam umas, outras começam e todos os dias, ao acordar, os parisienses notam que qualquer coisa há a menos, que na véspera: ora são os jornais, ora os taxis. Tão depressa há varredores de ruas, como não há. Os operários organizam «corfeons» nas fábricas. Nos grandes «magazines», as empregadas põem os gramofones a tocar e improvisam animados bailes. Sem tiros nem bombas, a França começa a fazer córo com a onda de anarquia que está invadindo os países, que ainda não encontraram uma fórmula estável de governação.

\* \* \*

Este preâmbulo político, à primeira vista descaído, vem a propósito das medidas tomadas pelos estúdios, para evitar o contágio. Se uma greve numa fábrica, num armazém, numa loja, representa um prejuízo gravíssimo — uma greve num estúdio é um caso seriíssimo e pode ser, muito simplesmente, a ruína dum filme. Cada minuto de paragem custa muitos contos de réis e, dois ou três dias de inactividade podem trazer consequências graves, sabido é que os artistas têm outros contratos a cumprir, em datas fixas.

Assim, os estúdios resolveram encarregar o pessoal. Ninguém sai para fora. A menor tentativa de greve de braços caídos traria como consequência a suspensão definitiva. Os próprios artistas não fogem à regra. Albert Préjean esteve, para dar o exemplo, cinco dias sem sair do estúdio onde está filmando.

Nos laboratórios, salas de projecção, cinemas públicos, etc. — as greves têm-se feito sentir, ainda que por pouco tempo. Houve casas de espectáculos que tiveram de encerrar as suas portas, durante alguns dias, até se resolverem os conflitos suscitados.

\* \* \*

As actualidades, nesta altura em que os espiritos andam exarcebados, são objecto duma rigorosa censura. Mesmo assim, é frequente provocarem manifestações populares.

O grande êxito da actualidade é o filme soviético *Les Marins de Cronstadt*, que o «Marivaux» exhibe vai para quatro semanas. Lá dentro, na sala, é o fim do mundo. Sucedem-se as manifestações, perante a impossibilidade das autoridades, que permitem ainda *Frou-tière*, que o «Panthéon» projecta, e que é também uma obra de propaganda da U. R. S. S.

E aqui têm o panorama de Paris, sob o aspecto social, e influência das greves na marcha da indústria do cinema. Vamos a ver o que se segue. — L. S.

# INTERVALO

## Lisboa cinéfila

COMO nunca, como não acontece com as exhibições de filmes estrangeiros nos palcos desta Lisboa muito cinéfila e muito intelectual... a estreia dum filme nacional é comentadíssima epticamente até, às vezes, por pessoas inteiramente alheias ao cinema.

Isto talvez por duas razões: a primeira — o facto destas produções serem vistas muito mais; a segunda — o falso conceito de que «santos de casa não fazem milagres»!

Este público é sempre uma veneranda «pessoa muito inteligente» e tão decisiva no seu critério que mesmo quando as condições oferecem margem para gastar tempo (uma mesa de «café», por exemplo, que é o mais ocioso que há) a sua opinião é definida simplesmente na fórmula: «não presta para nada» ou «é o melhor que há»!

De qualquer maneira a atitude denota um grande interesse da parte do público pela indústria cinematográfica portuguesa ainda adolescente.

Isto vem a propósito de quê? Vem a propósito de ter que começar uma crónica.

## Um provérbio latino

Pode o realizador construir nos seus trabalhos aquela concepção integral do filme que ele concebera através do seu sentimento artístico, da sua extraordinária imaginação, da feição literária da sua inteligência?

Esse sonho não teria a triste espectralidade das publicações de livros de versos, definitivos sim, mas irremediavelmente sem editor?

Lembre-mo-nos, por outro lado, que há uma má literatura que garante bom êxito livreiro.

Neste género de inquérito ainda outra pergunta: o realizador tem que saltar forçosamente daquele requinte para o sentido objectivo?

Não pergunto mais nada. Respondo afoitamente que não, se concebemos cinema na sua expressão esolérica — «cinema puro», uma abstracção curiósissima. Porém, dentro da noção «espectáculo» poder-se-á dar profundidade assimilável, em pequeninas doses, como certos remédios venenosos. Simplesmente é necessário um equilíbrio admirável e aquele extraordinário talento da locução latina — «a virtude está no meio», e dos nomes: René Clair e King Vidor, por exemplo.

## «O Trevo»

É inevitável referir-me ao «Trevo de 4 Folhas», embora a imprensa já tenha esgotado o assunto. Adjectivar empoladamente seria pleonasma, embora o fizéssemos dentro das responsabilidades que devem ser a fiança da concepção de crítica para a qual temos obrigações. A que também se pode chamar pundonor. Devo dizer que, até à data, essas responsabilidades foram dignamente tomadas por aqueles que se encaminharam ao terreno da imprensa apreciando a exhibição do último filme português. Mas já foi tudo dito. Ora como acima se falou em literatura vem a propósito, por associação de ideias, referir-me ao estilo e personagens de «O Trevo».

Julgo que esta produção nos não dá unidade de estilo (antes deambula nas modalidades adoptadas) para assim o seu realizador poder provar que sabe trabalhar em vários aspectos. Ficamos conhecendo o colorido da sua paleta, as cambiantes da sua imaginação, e esperamos que as realizações da sua autoria que sucedam ao «Trevo» tragam então uma chance comprovativa do seu nome. Dentro dessas modalidades prefiro aquela que melhor se coaduna com o espírito do realizador: — a solução de irrealdade e ironia marcada, por exemplo, na passagem de Nascimento em casa da *Beatriz-vamp*. O fundo musical sinerónica a feição de toda a cena: as investidas de *Zé Maria* até à porta, o

retrocesso, o aparecimento de *prestidigitação* dos criaflos, a subida das escadas pelos *detectives* e esse «gag» (o melhor: em todo o filme) do piparote nas flores de vidro, fazendo ressaltar um som recordado, som de flor...

Qual o carácter da personagem *Zé Maria*? Antes de assilirmos à estreia do filme alguém que colaborara superiormente nesse trabalho, cuja opinião nos era garantida pela sua inteligência, marcando o tipo interpretado por Nascimento, quasi nos induzira à compreensão duma personagem *chaplinesca*. Na verdade não sentimos um tipo marcado na personagem central do argumento. *Zé Maria* arrasta consigo a dolorosa confirmação de não se impôr pelos seus próprios recursos, de se não afirmar através da sua personalidade.

Os seus bons êxitos representam a coincidência episódica de se parecer com toda a gente. A única pessoa que o conhece é a mulher que ele ama; e essa mulher regeita o seu amor. A condição da personagem deve ser envolvida de enternecimento e carinho. Além duma pessoa infeliz *Zé Maria* é um ludo nada *gauche*, desleal, com trejeitos desenhados independentemente de ter enriquecido ou de o tomarem por célebre. E acontece que a figura digna de enternecimento é diluída. Suponho que esta incerteza recaia na interpretação do nome de primeiro plano do nosso teatro que é Nascimento Fernandes. Sentiu-se aquele demasiado *à vontade* teatral, chegando o actor a marcar a cena e o diálogo com expedientes da sua lavra. Salta à baila *Beatriz Costa*; gostámos de a ver na personagem de burguesinha, mais rica de malizes histrionicos, papel bem mais próximo da sua sensibilidade do que o outro: a *Beatriz-vamp*.

O «Trevo de 4 Folhas» merece os elogios que... Lá me ia esquecendo que não estou escrevendo uma crítica mas em pleno gozo duns minutos de intervalo no meu tempo tão escasso.

GAULTER CARDOSO



# a secretária do meu marido

**V**AN Sandorf é um activo e próspero editor de três dos mais cotados magazines. Ele e sua esposa, Linda, casados há três anos, têm sido inteiramente felizes durante esse tempo, e sentem, cada vez mais, aumentar o amor que os une. Compreendem-se perfeitamente, e Linda, nunca pensara em ter ciúmes de Whitey Wilson, a formosa secretária do marido. Linda reconhece que ela é insubstituível e sabe bem que Van não tem por ela nenhum interesse pessoal.

\* \* \*

Mas um dia a mãe de Van, depois de ter visto Whitey, pela primeira vez, aconselha Linda a precaver-se, pedindo a Van que a mude de posição... Whitey estava quase noiva de Dave, que várias vezes tinha insistido com ela para deixar o emprego e casar. Mas Whitey gostava demasiado ao seu trabalho, e não se tinha ainda decidido.

\* \* \*

As insinuações que ouvia, acabaram por despertar o ciúme de Linda. Investigando, vem a saber que Whitey já há muito poderia ter sido promovida a uma posição superior na firma, mas que

## argumento

tinha sempre recusado por saber quanta falta fazia no seu serviço. Linda pede então a Van, para transferir Whitey do seu escritório, mas ele recusa e surge então a primeira disputa... Tudo parece arranjar-se e Van promete à esposa uma viagem de recreio até Havana.

\* \* \*

Van Sandorf pensa em consolidar o seu negócio com a junção de um semanário popular. Todas as negociações são absolutamente confidenciais, não vá outro editor ter a mesma ideia e prejudicar o negócio. Van sabe que o editor do semanário que quer adquirir está num congresso em Havana, e parte precipitadamente para lá. E Linda fica desapontada por ele a não ter levado como prometera.

\* \* \*

Van está ausente, e Whitey é a única pessoa que sabe do negócio em projecto. A activa secretária, tem conhecimento de um facto importante que é necessário que Van saiba antes de ultimar as negociações. Telefona-lhe, e Van

pede-lhe que venha ter com ele a Havana, a fim-de deliberarem quais as medidas a tomar. E Whitey parte imediatamente no primeiro avião com toda a papetada... Em Havana passam a noite inteira trabalhando nas bases da proposta, que é aceite sem grandes dificuldades.

Cheio de contentamento pelo êxito, Van Sandorf, e Whitey, celebram o acontecimento com uma pândega monumental... Linda, inquieta pela falta de notícias do marido, que se esquecera de lhe telefonar, chama-o... Whitey que se encontrava no quarto do patrão, pondo em ordem os «dossiers», é quem responde. Imaginando o pior, Linda, resolve abandonar o marido, pela suposta infidelidade.

\* \* \*

...Van está absolutamente desgostoso com a atitude de sua esposa que se recusa a vê-lo. Whitey também se sente melindrada com as injustificadas suspeitas. Ela bem sabe, que se quiser aproveitar a ocasião poderá conquistar Van, despeitado pela intransigência da

esposa... E nesse dia, Whitey que acabara de ter mais uma questão com o noivo, por motivo do emprego, está quase tentada a entregar-se a Van.

\* \* \*

...Mas reflectindo melhor, Whitey procura Linda que se disponha a seguir para a Europa, e faz-lhe ver a loucura do seu acto... Conta-lhe toda a verdade, tão simples, e obriga-a a reconhecer que Van a adora, e que se Linda persiste no seu intento, perderá para sempre o afecto do marido...

Van, desesperado, pedira a Whitey para fazer com ele uma viagem até às Bermudas... Mandara-a comprar vestidos, toiles, para o acompanhar...

Seria uma quase viagem de núpcias, provocada pelo desespero...

Mas Linda, reflectindo no que lhe dissera Whitey, volta perto do marido ansioso por lhe abrir os braços... E uma nova fé nutua os une, Whitey encontrando Dave, não pode deixar de premiar a fé constante que ele sempre depositara nela a pesar-de tudo quanto se passara.

U. AZEVEIRO DIAS

Legenda da gravura:  
Myrna Loy (a esposa), Clark Gable (o marido), Jean Harlow (a secretária).



Anny Ondra, o grande fantasista do cinema alemão, que tão arredado tem andado dos nossos telos

mente aos encantos platinados de Jean Harlow.  
Carole encontrara Russ Colombo.

**Desta vez os números não mentiram**

Russ Colombo — cantor de rádio e opereta. Estreou-se no «cerans». Não tem trinta anos. É bom, adora Carole; envolve-a num culto apaixonado. Passava noites, silencioso, a olhá-la.

Esta, promete-lhe que será sua mulher quando ele conseguir ser «star». Conseguiu-o em «Wake up and dream».

Um pressentimento preocupa Carole. Sabe que uma desgraça prejudicará a sua felicidade.

No dia seguinte à triunfal estreia de «Wake up and dream», Russ Colombo é morto pelo seu melhor amigo: Lausing Brown. Um acidente estúpido... Brown colecionava armas antigas. Brincava com uma velhíssima pistola e deixou-a cair. O gatilho bateu no canto duma mesa; a arma tinha uma bala esquecida que foi atingir Colombo entre os olhos.

Carole, nesse dia, fôra reponer a Big Bear.

Teve um pressentimento que a olheava de tal forma que telefonou para deixar de pensar em tal. E a notícia que lhe deram condizia em parte com o pressentimento... Quando chegou a Hollywood, Russ estava morto.

Carole foi para Nova-York passar al-

gum tempo para ver se se esquecia do desgosto sofrido; voltou quando um telegrama do empresário lhe participava que tinha de se apresentar nos estúdios para estudar o papel do novo filme: *La Joyeuse Mariée*. Ironia!

Quando se lhe fala de Russ, diz, com um fatalismo resignado: «Devia morrer! Estava escrito... Consolo-me por saber que morreu feliz...».

**A estrêla de Jone Peters**

Carole conta vinte e seis anos. Nas suas aventuras amorosas tem, por vezes, tragédias. A sua carreira de artista tem sido trabalhosa e movimentada. Um desastre de automóvel imobilizou-a durante um ano, precisamente na altura em que assinava o primeiro contrato.

Já sofreu grandes desgostos e contrariedades. Mas continua a crer na sua estrêla.

Trocou o nome primitivo — Jane Peters — pelo elegante Carole Lombard. Por conselho dum horoscópio juntou ao primeiro nome um «e» que lhe devia trazer felicidade. Tem com «porte-bonheur» certo anel, com uma safira enorme, que é precisamente da cor dos seus olhos. E assim vive a Vida com confiança e fé, sabendo passar por todos os desgostos, pois os números e o Livro do Destino prometem-lhe ainda multiplas alegrias.

**O meu amigo cinico e o cinema**

(Conclusão da pag. 6)

*ra ardente, estava cheio de velas, tôdas acesas. Lá fora, na rua, locavam uma marcha que à força de ser fúnebre, era mais arrastada do que um fado arrastadíssimo.*

*E o meu amigo, às portas da morte, dizia mal do prolongamento da Avenida, da entrada monumental do Parque Eduardo VII, da ponte sobre o Tejo, da demolição do Teatro Apolo, da Avenida Marginal, do arranjo das passagens de nível e do cinema português.*

*Pobre amigo! Nem parecia cinico ao entrar na eternidade — só falava do que ainda não existe.*

\* \* \*

*Reabilitou-se, no seu último desejo, da fobia com que perseguira o cinema durante a vida.*

*Num arranço contricco — são sempre contrictos os últimos arrancos — foi-me dizendo.*

*— Olha, amigo, eu nunca fiz mal ao cinema. Em Portugal é que se tomam demasiadamente a sério tôdas as brincadeiras. Deixa lá que me vou reabilitar: — quero não só que o meu caixão seja feito de «bobines» como tambem vertido de celuloide. E fez-se-lhe a vontade.*

*Como já atrás se disse, foi um grande entêrro. E até de comovidas, gemia a carrêta e choravam as pedrinhas da calçada.*

FERNANDO GARCIA

As composições gráficas das páginas desta revista são de RAUL FARIA DA FONSECA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

**f é m i n a**

A grande revista feminina portuguesa

Apresenta todas as sextas-feiras os mais recentes modelos de vestidos e de chapéus, tratando sempre de todos assuntos que interessam às Senhoras.

Á VENDA EM TODO O PAÍS

24 páginas com muitas gravuras a cores—Capa a cores

Esc. 1350

**CINE-JORNAL**

GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRAFICO

Director: FERNANDO FRACOSO  
Editor: ALVARO MENDES SIMÕES

Propriedade da Sociedade de Revistas Gráficas, Lda

Redacção e Administração: T. da Cavidade do Rio, 27  
Telefone 2 1188 e 2 1227

Comp., impressão e gravuras BERTRAND (Irmãos), Lda  
Trav. da Cavidade do Rio 27—Lisboa

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

PORTUGAL

52 números 1 ano	48900
25 " 6 meses	24900
12 " 3 meses	12900
Estrangeiro e Colónias, 52 num. 1 ano	65900

**Stadium**

A melhor revista do especialidade que se publica em Portugal

informa tôdas as quartas-feiras os seus numerosos leitores de todo o movimento desportivo do País

Tem 16 páginas cheias de óptimas e flagrantes gravuras por 1 escudo

**Carole Lombard**

(Conclusão da pag. 11)

32 anos... Seis anos depois, luta duramente, para se libertar dos *maillots* e das partes gagas com bolos esborrachados, tanto da predilecção de Mac Sennel, para ocupar um lugar em evidência diante dos *sunlights*. Começa então a obter sucessos. É bonita, «coquette», ambiciosa. No entanto, precisa trabalhar ainda muito para tirar partido das facilidades que a sorte lhe proporcionou.

38 anos... Anos e anos de estúdio. Conhece as amarguras e as alegrias do «metier»... e a insignificância de todos estes momentos passageiros. O cinema não absorve todos os seus pensamentos. Necessita dum longo descanso, duma vida íntima. Quere viajar. Pode muito bem fazê-lo. Não trabalha senão em três filmes por ano.

Mas Carole necessita de entrar em cinema, seis, sete...

Procuram conciliar o inconciliável. Apesardos esforços empregados nenhum abdicou dos seus desejos. William Powell desente o primeiro divórcio que se habituou a estar só e sabe organizar a sua vida doméstica sem o auxílio da mulher.

Vai a pouco e pouco recuperando os antigos hábitos. Sai só, frequenta com assiduidade os antigos amigos...

Carole percebe que se enganou. Em 1 de Junho de 1933, no Reno, apresentou o pedido de divórcio. Recusa tôdas as pensões e continua em perfeita harmonia com seu ex-marido. Os números afinal não a tinham enganado. Nasceram para se entenderem; mas só devia

existir entre eles a amizade e não o amor.

**Porque lamento ter-se divorciado**

Em Hollywood a vida duma honita e jóvem divorciada não são rosas.

Carole percebeu-o depressa. William Powell era para ela um guia e sobretudo um produtor. Agora não podia contar senão consigo própria.

Sobre si, incidiam os projectores e a ruidosa publicidade de Hollywood. Casada, podia jantar com amigos, recebê-los, dirigir aos «partenaires» telegramas de felicitações, sem que fosse escandaloso.

Agora a mínima atitude de simpatia é imprudente, pois a imprensa, deseiosa de «caixas», tudo explora e complica.

As homenagens e os convites que agora recebe, embora feitas pelos mesmos homens, têm uma intenção diferente; tôdas as frases e atitudes possuem um duplo sentido.

Também, durante os meses que se seguiram ao divórcio, Carole escolhia para sua companhia, de preferência, o próprio William Powell.

Mesmo agora, embora Carole veja sem a menor emoção o ex-uarido cortejar outras mulheres, estas sentem-se secretamente orgulhosas por a terem como rival... imaginária.

Por tudo isto, passados alguns meses, deixou de o acompanhar facilitando assim que se entregasse mais rápida-

# À margem do Cinema

## Publicidade

EM Portugal, como em todos os países onde o Cinema ensaia ainda os primeiros passos, é bem mais difícil reclamar um filme do que naqueles em que a sétima arte atinge o apogeu. É e fácil de compreender o perigo que representa anunciar maravilhas para depois se apresentar um trabalho que não corresponda, inteiramente, à publicidade feita. Na América, onde os bons filmes se fazem em série, como certas marcas de automóveis, é fácil reclamar um filme. O público, habituado como está a produções impecáveis, acredita que vai sempre ver mais e melhor e aceita, facilmente, os exageros publicitários das empresas.

Nos países de pouca produção, é perigoso anunciar que um filme é esplendido ou que a interpretação é magistral. É sempre preferível esperar que o público, — que é ainda o melhor agente publicitário — dê a sua opinião, que não é, na verdade, das menos valiosas. Para que anunciar maravilhas, se elas só existem, só podem existir na nossa imaginação?

Em Portugal, que com pesar vemos incluído no número dos países onde um Cinema-Bêbê experimenta uns passos indecisos, é preciso, em nossa opinião, a maior dos cuidados com a publicidade a fazer à produção nacional. Em certos casos, seria até preferível dizer mal antes da exibição. Seria uma maneira de eles olharem o que viam superior ao que tinham ouvido dizer, e não saíam cá para fora a dizer mal na noite da premiere...

## Onde estão?

Indiscretamente não de existir no nosso País, e fora das fileiras dos artistas de teatro, pessoas com habilidade para o Cinema.

Crêmos firmemente que os americanos, os russos, os franceses, os alemães, não tiraram o exclusivo da arte de bem representar em frente da câmara. Mas então, — perguntamos, — onde estão os portugueses com possibilidades fotogénicas? Onde estão os personagens necessários à interpretação dum filme, que é sempre preciso ir buscá-lo ao teatro, e sempre os mesmos, para não variar?

É certo que, de quando em vez, aparece uma pessoa com uma ponta de geito, a destacar do conjunto. Mas onde está a grande revelação do nosso cinema?

Parece-nos que, com alguns filmes feitos e tantos milhares de película estragada, já teria tido tempo de aparecer...

Nó entanto, aguardemos. A todo o tempo será bemvinda, — e indispensável, — a ver se isto anima...

## Truques

Entendemos que as revistas de cinema não deviam descobrir aos seus leitores os variadíssimos truques empregados nos filmes. A ilusão é o grande factor de certas realizações, e tirá-la é tirar ao filme, pelo menos 50 % do seu valor espectacular.

Achamos bem que as revistas digam quantos anos tem o Jean Murat ou quantas vezes por semana se divorcia a Crawford... mas, por Deus, não contem como se filma um desastre de aviação ou como se ilude o público num filme de cow-boys, — porque estragam tudo...

## Efeito e causa...

Numa revista estrangeira de cinema apareceram, na mesma página e a muito pouca distância uma da outra, estas duas notícias:

«Os ladrões penetraram a noite pas-

sada na residência da «estréla» Galby Doorwall, donde roubaram um colar de pérolas no valor de quinhentos mil dólares».

\* \* \*

«Consta que a notável «estréla» Galby Doorwall arranjan um novo e talentoso agente de publicidades».

## As platinadas

Nma «cabaret» de Hollywood, um amigo interroga outro:

— Quem é aquela loura que antem estava na tua mesa?

— Estás farto de conhecê-la! É aquela morena que esteve aqui comigo ante-ontem!

## Radiofonia no Cinema

Num café de Lisboa muito frequentado por gente de teatro e cinema, entrou, há dias, uma rapariga, pequena e franzina, mas simpática, que atraiu as atenções gerais.

— Quem é? — perguntou-se.

— É uma extra do Cinema português! — responderam.

— Uma extra do Cinema? Mas é tão baixa!...

— É que é uma extra-curta!...

## Éxito prejudicial

Um amigo nosso, digno sucessor de Calino, pretendeu, dois dias a seguir, comprar bilhete para um cinema. Porém, como o filme que pretendia ver estava fazendo um grande êxito de bilheteira, o nosso amigo não conseguia comprar bilhete. E, a uma mesa de café, queixava-se, convicto e irritado:

— Aquele cinema só se está a prejudicar! Uma pessoa quer comprar bilhetes, não encontra e sai de lá irritado. Se continua com as casas tão cheias, daqui a pouco acabará por não ir lá ninguém!...

## Parecenças

Num clube, falava-se da extraordinária parecença duma senhora presente com a conhecida vedeta Joan Crawford. Mas alguém apreciou:

— Para ser a Joan falta-lhe uma coisa importanteíssima!

— O que é?

— O Franchol!...

## Pregunto indiscreto

Há dias, num cinema de categoria, uma espectadora queixava-se, em voz alta, de que o filme, falado em alemão estava mal sincronizado e não se percebia nada do que os artistas diziam.

Um espectador que estava ao lado, curvou-se, delicadamente, para a senhora e perguntou:

— V. Ex.<sup>a</sup> sabe alemão, minha senhora?

ANIBAL NAZARÉ

ONDULAÇÃO PERMANENTE, sem fios e sem electricidade. — Processos modernos de muito maior comodidade. Técnicos especializados.

Academia Científica de Beleza  
Avenida da Liberdade, 36

TELEFONE 21866

LISBOA



M<sup>o</sup> CAMPOS



# À HORÁ DO CHÁ

é uma das mais agradáveis do dia

Principalmente quando se toma

## Chá Li-Cungo

O MELHOR DE TODOS, PELO SEU PALADAR PRECIOSO!

beber CHÁ LI-CUNGO é beber CHÁ!

PEDIDOS À COMPANHIA DA ZAMBÉZIA

Rua do Alecrim—LISBOA

À VENDA EM TODO O PAÍS

## O pó que lhe convém



Dansando em salas de baile sobre aquecidas, estando diariamente ao sol, ao vento, sob a chuva... na praia... no tennis... no golf... em toda a parte onde é preciso aparecer com superioridade... tem V. Ex.<sup>a</sup> necessidade dum pó que se conserve; um pó que não caia e não deixe aparecer o brilho do nariz ou uma face luxente e congestionada. V. Ex.<sup>a</sup> tem necessidade dum pó de arroz que se harmonize naturalmente com a sua tez... que seja impossível de se ver... um pó que se estenda perfeitamente sobre a pele e se fixe duma maneira uniforme. V. Ex.<sup>a</sup> tem necessidade dum pó que seja puro e inofensivo.

V. Ex.<sup>a</sup> tem necessidade do pó Tokalon

Só o Pó Tokalon contém «mousse de creme» (processo patentado) ingrediente recentemente descoberto que vos permite trazer o pó durante todo o dia, faça o que fizer, até que o tire quando se lavar e que dê à vossa pele uma frescura impossível de esquecer.

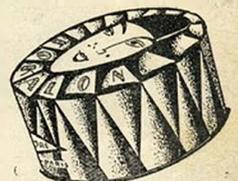
Por este facto não é para admirar que 3.000.000 de mulheres empreguem o pó Tokalon todas as manhãs, celebridades do teatro, Estrelas do cinema, as mulheres mais belas da sociedade, numa palavra, as mais lindas mulheres de Portugal, França, América e Itália exigem hoje o pó Tokalon.

Os compactos Tokalon (Comprimidos) contêm também a «Mousse de Creme». O Pó e o Rouge são ambos muito aderentes.

Qualquer coisa de novo, diferente e melhor.

## O Pó-Tokalon

O Pó de «Mousse de Creme» (em dez cores diferentes)



A venda em todas as perfumarias e boas casas da especialidade. Não encontrando, escreva para o Depósito Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.

# CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 35 — 15 DE JUNHO DE 1936 — SAÍ TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



*Simone  
Simon*

**“CINE-JORNAL” É A MELHOR REVISTA PORTUGUESA DE CINEMA**

